



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

ESCOLA DE EDUCAÇÃO

DEPARTAMENTO DE DIDÁTICA

**A PEDAGOGIA ALÉM DOS MUROS ESCOLARES: UMA
REFLEXÃO SOBRE O CURSO DE PEDAGOGIA E A IMPORTÂNCIA
DE UMA EDUCAÇÃO MAIS SENSÍVEL**

MARIANA OLIVEIRA

RIO DE JANEIRO

2017

A PEDAGOGIA ALÉM DOS MUROS ESCOLARES: UMA REFLEXÃO SOBRE O
CURSO DE PEDAGOGIA E A IMPORTÂNCIA DE UMA EDUCAÇÃO MAIS
SENSÍVEL

MARIANA DE OLIVEIRA

Trabalho de Conclusão de Curso Apresentado à Escola de Educação
da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como
requisito final para obtenção do grau de Licenciatura em Pedagogia.

Prof. Dr. Marcio da Costa Berbat (Orientador)

Universidade Federal do Estado Rio de Janeiro - UNIRIO

Rio de Janeiro
Dezembro
2017

A PEDAGOGIA ALÉM DOS MUROS ESCOLARES: UMA REFLEXÃO SOBRE O
CURSO DE PEDAGOGIA E A IMPORTÂNCIA DE UMA EDUCAÇÃO MAIS
SENSÍVEL

MARIANA OLIVEIRA

Avaliada por:

Data: ____/____/____

Prof. Dra. Adrienne Ogêda Guedes

Escola de Educação – Departamento de Didática
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

*“O mundo não é. O mundo está sendo.
Como subjetividade curiosa, inteligente,
interferidora na objetividade com que
dialeticamente me relaciono, meu papel no mundo
não é só o de quem constata o que ocorre, mas
também o de quem intervém como sujeito de
ocorrência. ” (Paulo Freire)*

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos profissionais da Pedagogia, que apesar de todas as lutas diárias, de todos os movimentos contrários à classe educacional, se mantem firme no propósito de exercerem seu trabalho com dedicação e respeito, acreditando que um futuro melhor estar por vir.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que me manteve de pé e me fez chegar até aqui.

Aos meus pais, que sempre me apoiaram e nunca me deixaram desistir.

A Gabriela que me incentivou a entrar na faculdade e deu o pontapé inicial na minha caminhada acadêmica.

As minhas amigas, Debora e Evelyn que me ouviram nos momentos mais difíceis dentro da faculdade.

Agradeço em especial ao meu noivo que sempre me apoiou e esteve disposto a me ajudar nesta jornada.

Muito obrigada ao meu orientador Márcio Berbart, pela gentileza de me guiar durante a elaboração deste trabalho.

A professora Adrienne Ôgeda, por me ensinar a ver o mundo com os olhos mais sensíveis.

Enfim, agradeço a todos que de algum modo me ajudaram a concluir mais esta etapa da minha vida.

MARIANA OLIVEIRA. A PEDAGOGIA ALÉM DOS MUROS ESCOLARES: UMA REFLEXÃO SOBRE O CURSO DE PEDAGOGIA E A IMPORTÂNCIA DE UMA EDUCAÇÃO MAIS SENSÍVEL. Brasil, 2017, 42 f. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Escola de Educação, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

RESUMO

Pedagogia segundo o dicionário Aurélio significa: Ciência da Educação ou método de ensino. A partir desta definição podemos dizer que é grande a participação da pedagogia na nossa sociedade, o que podemos perceber hoje é que em todas as instituições há um método de ensino sendo proposto, há trocas pedagógicas, sejam na comunidade, nas empresas, nos hospitais e é claro dentro de nossas escolas. Porém, a grande maioria da população quando ouve a palavra Pedagogia, faz uma associação quando que imediata com a sala de aula tradicional, mas o que veremos nas páginas a seguir é algo que amplia esse pensamento. É fato que o curso de Pedagogia é fundamentado na docência, tendo como sua principal atuação o ensino infantil e os anos iniciais do ensino fundamental, porém um Pedagogo é formado para ser capaz de atuar para além dos muros escolares. Isso que veremos neste trabalho, um olhar sobre a pedagogia que ultrapassa os muros da escola, contemplando também uma educação mais sensível, voltada para os futuros pedagogos, a educação Estética que conheceremos no último capítulo.

Palavras-chave: Educação, Pedagogo, não escolar, Educação Estética, Práticas Pedagógicas.

INDICE DE SIGLAS

CEDERJ – consórcio formado por seis universidades públicas do Estado do Rio de Janeiro (UERJ; UENF; UNIRIO; UFRJ; UFF; UFRRJ) e um centro universitário (CEFET-RJ) em parceria com a Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Inovação do Rio de Janeiro.

CNE – Conselho Nacional de Educação

EAD – Educação a Distância

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

LDB – Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC – Ministério da Educação

UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Sumário

Resumo	07
Introdução	10
Capítulo 1: Passeando pela história da Pedagogia	12
1.1: Um breve Histórico	12
1.2: A incerteza da Pedagogia	15
Capítulo 2: A Atuação do Pedagogo nas instituições não escolares	18
2.1: A Pedagogia Hospitalar	19
2.2: A Pedagogia Empresarial	21
2.3: O Trabalho do Pedagogo no Museu	22
Capítulo 3: O Pedagogo e a sua formação	24
3.1: Ser Pedagogo ou Professor	24
3.2: Pedagogia à Distância	25
Capítulo 4: A Dimensão Estética na formação de Professores	27
4.1: O Projeto	28
4.2: A educação Estética	39
4.3: Atividades nos Polos EDA	30
4.4: Contribuições para formação docente	33
Considerações Finais	36
Referências Bibliográficas	38
Anexo A	41

Introdução

“- Quatro anos e meio pra se formar em Pedagogia? Pra quê isso?”

Essa frase dita por uma diretora adjunta em uma das escolas municipais que fiz um dos meus estágios despertou minha atenção para como a sociedade vê o curso de pedagogia e acabou sendo a inspiração para minha monografia.

Qual o papel social do pedagogo nos dias atuais?

E o campo de atuação, será que o pedagogo deve atuar somente nas escolas?

Para esclarecer como cheguei até aqui, contarei um pouco da minha história.

Lembro-me de quando era pequena, minha mãe era professora (ela tem apenas a formação de professores nível médio) e no dia dos mestres ela chegava à casa cheia de presentes que ao longo dos anos foram diminuindo. Ela acabou abandonando a profissão e se tornou dona de casa.

Sempre me perguntei por que a educação não poderia ser mais sensível ao invés de mais desvalorizada.

Eu, porém, até entrar na faculdade não iria seguir os passos da minha mãe. Formei-me em Técnica de Enfermagem e sempre trabalhei na área administrativa de Hospitais privados. Mas o destino me levaria para caminhos parecidos com o de minha mãe.

Ainda quando estava fazendo estágio no curso Técnico, algumas coisas me remetiam para a área da pedagogia. Uma delas foi quando comecei a prestar atenção para as crianças hospitalizadas, que ficavam com o tempo ocioso, seus rostinhos tristes, sem ter o que fazer, esperando que alguém que não fosse uma enfermeira para administrar uma medicação, chegasse para falar sobre outros assuntos que não fossem sua doença, ou talvez para animá-las e proporcioná-las uma distração, quem sabe até um novo aprendizado. Acredito que a criança sofre grande influência do ambiente onde se encontra e naquele momento elas não podiam brincar, estavam longe dos seus amigos, da escola, era nítido o abatimento que elas apresentavam. Foi num dia de terça-feira que conheci a Pedagogia Hospitalar, que nunca tinha ouvido falar, para mim o pedagogo somente poderia trabalhar nas escolas (e muita gente ainda pensa assim nos dias de hoje). Vi de perto o carinho com que a pedagoga tratava as crianças e doença já não era mais o papel principal naquele momento, a interação e brincadeiras tomaram conta daquele lugar. E essa situação se

tornou marcante na minha memória. O tempo passou e a vida me levou a cursar Pedagogia. Assim que entrei na faculdade, muitos de meus amigos me diziam coisas como: “Tem certeza que você vai fazer Pedagogia? Não tem outro curso melhor pra fazer não?” ou “Quer passar fome?” ou ainda “Você quer ser professora?” Confesso que isso me desanimou um pouco, mais resolvi seguir adiante. Porém ao longo da faculdade alguns momentos marcaram a minha jornada e eu me perguntava qual era o papel social do professor e do Pedagogo? Será que seu trabalho está limitado para dentro dos muros escolares? Como ajudar a transformar nossa sociedade?

O Pedagogo tem um vasto campo de atuação podendo atuar em instituições escolares e não escolares, além disso, o curso atinge os mais distantes municípios do país, principalmente com a Educação à Distância.

Na obra de Libâneo podemos observar que o autor apresenta a Pedagogia, sendo um dos cursos de graduação mais democráticos do país, demonstrando suas diferenças e contribuições para um mundo melhor.

“Temos diferentes cursos, diferentes níveis de qualidade, diferentes níveis de formação dos professores-formadores. Poucos cursos de formação profissional atingem os mais distantes municípios, compondo as culturais locais, criando um tipo de cidadão, ajudando as crianças a terem um rumo na vida, ampliando as possibilidades de conquistar a dignidade humana” (LIBÂNEO, 2005).

Ao longo deste trabalho veremos a contribuição da Pedagogia para a construção de seres humanos mais conscientes e envolvidos com o mundo ao seu redor. Além de apresentar a importância e a transformação que uma educação mais sensível proporciona a professores e a alunos.

Capítulo 1:

Passeando pela história da Pedagogia

Hoje o que conhecemos do curso de Pedagogia é que ele se instaurou como uma formação de professores da Educação Infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental, mas nem sempre foi assim. Nas páginas a seguir veremos um pouco do processo da criação do curso, bem como algumas transformações que ocorreram ao longo de sua história. E veremos que ele não forma apenas professores para estarem dentro de um ambiente escolar, sendo dentro ou fora da sala de aula, ele prepara para vivermos numa sociedade com formação de pessoas, principalmente no seu desenvolvimento humano e social, prepara para construirmos uma sociedade justa e com menos desigualdades.

Levando em conta que a docência é a base para a construção deste curso, sua história é repleta de mudanças, decretos, leis e até mesmo alguns retrocessos.

1.1 - Um breve histórico

Após a independência do Brasil, a instrução para toda a população se tornou algo preocupante entre as autoridades da época e a questão da formação de professores agora era latente.

Em 1827 surge a primeira lei dedicada a esta causa: A Lei das Escolas de Primeiras Letras que exigia um preparo didático para os professores, porém ainda muito inicial e sem preocupação com a área pedagógica.

As Escolas Normais surgem em 1935, com a abertura de sua primeira unidade na província do Rio de Janeiro, visando a preparação de professores para as escolas primárias. Porém o que cabia ensinar a esses futuros professores eram os conteúdos que seriam transmitidos aos alunos, não levando em consideração o método pedagógico (o que demorou alguns anos para acontecer). Essas escolas entraram no meio de discussões e contestações que poucos alunos eram formados, fazendo com que o presidente da província Couto Ferraz, fechasse a escola e experimentasse outros métodos de ensino. Porém esses métodos não foram bem-sucedidos, fazendo que as escolas fossem reabertas dez anos mais

tarde. Podemos perceber ao longo do texto que a partir daí inúmeras transformações foram ocorrendo na formação de professores.

No início do século XX, alguns movimentos provocaram reformas nessas escolas normais. Segundo os reformadores “sem professores bem preparados, o ensino não pode ser regenerador e eficaz” (São Paulo, 1890). Com isso duas argumentações principais eram reivindicadas: o enriquecimento dos conteúdos estudados e exercícios práticos de ensino. Surgem então, as escolas-modelos anexas à escola Normal, para preparar os novos professores dentro da sala de aula com exercícios práticos. Esse modelo de escola se estendeu para todo o país.

Porém, a preocupação com os conteúdos transmitidos a esses futuros professores se tornou algo insustentável, pois não houve avanços a respeito destes, o que era ensinado ficava apenas fixados nos conteúdos a seres transmitidos, esquecendo ainda da parte pedagogia. Com isso as pesquisas tornaram-se cada vez mais importantes, criando-se então os Institutos de educação, segundo Saviani (2009), eram espaços de cultivo da educação, encarada não apenas como objetivo do ensino mais também da pesquisa.

Essas transformações começaram a ser pontuais para o surgimento da Pedagogia como uma ciência:

“Caminhava-se, pois, decisivamente rumo à consolidação do modelo pedagógico-didático de formação docente que permitiria corrigir as insuficiências e distorções das escolas normais” (SAVIANI, 2009).

Um marco importante para o curso de formação de professores foi a elevação do mesmo a nível superior que ocorreu em 1934, quando o Instituto de educação de São Paulo foi incorporado a Universidade de São Paulo. Acontecendo igualmente com o Instituto do Rio de Janeiro sendo incorporada a Universidade do Distrito Federal, um mais tarde. Em 1939 com a extinção da Universidade do Distrito Federal, o curso superior de formação de professores foi integrado a Universidade do Brasil e com o decreto lei nº 1.190, de 04 de abril de 1939 organiza-se a Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil. Com método de ensino que ficou conhecido como “esquema 3+1” que visava a formações para licenciatura e também pedagogia, onde os três primeiros anos de estudo eram oferecidos as disciplinas específicas de cada matéria, ou os fundamentos da educação e o último ano era dedicado para as matérias de didática, permanecendo esse esquema até

1961.

Vale lembrar que os cursos de nível secundários como eram conhecidos naquela época, não foram extintos, pelo contrário seguiram as mesmas orientações do nível superior, que segundo SAVIANI (2009), o objetivo era formar professores do ensino primário e funcionaria nas escolas normais e nos institutos de educação. Mas com o golpe militar, de 1964 as escolas normais foram extintas sendo criado o primeiro e segundo grau, com habilitação do 2º grau para magistério de 1º grau.

Com a Lei nº 5.692 de 1971 o curso superior de Pedagogia, além de formar professores para o magistério, formava os especialistas em Educação, que exerciam a profissão dentro da escola, porém fora de sala de aula, como os diretores, orientadores educacionais e inspetores de ensino.

Em 1980 começa a surgir no país um movimento, com forte participação de professores e de estudantes da área educacional, pela reformulação dos cursos de Pedagogia e de Licenciatura de um modo geral. Os atuais tinham ficado obsoletos, muitas eram as precariedades dos cursos, com currículos inchados de conteúdos culturais – cognitivos e pouco pedagógicos – didáticos, além da luta dos professores contra as reformas da ditadura imposta pelos militares. Um dos principais documentos foi a “Proposta alternativa para a reformulação dos cursos de Pedagogia e Licenciatura (Anteprojeto), produzido em 1981 por profissionais da educação contendo novos rumos ao movimento”.

Muitas eram as reivindicações, uma delas era a respeito do currículo:

“A questão do currículo era outra questão que gerava insatisfação dos alunos do curso. O curso oferecia poucas possibilidades de instrumentalização para a prática de suas funções no mercado de trabalho, principalmente a de técnico em educação, não se conseguia definir se a técnica era falha e dificultava o acesso do técnico no mercado de trabalho, ou era o mercado de trabalho que era indefinido pela imprecisão do curso, e não conseguia absorver os egressos do curso” (FURLAN, 2013).

Ainda sobre o currículo, a ideia central para as reformas, seria a não contemplação de todas as áreas dentro do curso e sim uma especialização, que segundo FURLAN (2013) haveria um currículo comum para os diferentes níveis de ensino e só na especialização seriam preparados os profissionais para o campo não docente.

Esses conflitos e propostas para o curso de Pedagogia visavam buscar uma identidade para o pedagogo, bem como sua formação, área de atuação tão frágil com tantas mudanças entre decretos e leis. Qual seria sua verdadeira função para a sociedade?

Como uma forma de criar novas possibilidades curriculares para o curso de Pedagogia e minimizar as reivindicações vinda dos profissionais da época, surge em 1996 a Lei nº 9394\96 denominada Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que referia se a formação dos profissionais da educação. A expectativa com essa lei seria com que os cursos de formação docente no Brasil sofressem alterações de modo a encontrar uma solução para torna-los cursos mais atraentes, proporcionando aos estudantes currículos mais ricos. Coisa que não aconteceu, levando até mesmo a dúvida sobre a necessidade do curso superior de Pedagogia, como veremos no próximo capítulo.

1.2 – A incerteza na Pedagogia

“O curso de graduação em Pedagogia foi, dentre os cursos de graduação em nível superior, um dos que mais sofreu reformulações normativas ao longo de seus anos de existência” (GATTI, 2012.)

Como vimos nas páginas anteriores o curso de pedagogia sofreu grandes transformações ao longo dos anos desde a sua criação. Isso se dá pela procura de uma identidade firme, que valorize o Pedagogo onde a teoria caminhe junto com a prática.

Com a promulgação da LDB, houve uma valorização dos Institutos superiores de educação e das Escolas Normais Superiores, se tornando uma alternativa mais barata e rápida para os cursos de Pedagogia, principalmente na formação de profissionais dos anos iniciais da educação básica. O que gerou debates acirrados no meio educacional. Veremos um pequeno trecho do artigo 63 da LDB 9394\96:

Os institutos superiores de educação manterão: I – Cursos formadores de profissionais para a educação Básica, inclusive o curso normal superior, destinado a formação de docentes para a educação infantil e para as primeiras séries do ensino fundamental; II – programa de formação pedagógica para portadores de diplomas de educação superior que queiram se dedicar à educação básica; III – programas de educação continuada para os profissionais de educação dos diversos níveis (BRASIL, 1996)

Se a função dos Institutos superiores era formarem professores para a educação infantil e os anos iniciais do ensino fundamental, a que caberia o curso de Pedagogia? Formar os especialistas em educação? Além do que, abriram-se portas para qualquer um com diploma de ensino superior que quisesse dedicar-se ao magistério, ter uma formação pedagógica e atuar dentro de sala de aula.

O que vemos é que a LDB veio em contrapartida a todos os movimentos e discussões feitas até aquele momento, o que deixou a comunidade acadêmica bastante abalada, criando muitas incertezas em torno do curso.

“Com essa nova possibilidade de formação de professores, a discussão sobre a necessidade ou não do curso de Pedagogia volta à tona, dando margens, inclusive, a especulações sobre a extinção do curso, uma vez que neste contexto a pergunta que se colocava era “qual será, então, a função do curso de Pedagogia? ”... Com todo esse embaraço estabelecido, cria-se uma grande expectativa a respeito do futuro do curso de Pedagogia...” (FURLAN 2013).

Em 1997, o Ministério da Educação solicitou novas propostas para as Diretrizes Curriculares dos cursos superiores e incluiu dentre os cursos a Pedagogia, gerando uma certa tranquilidade com relação a continuidade do curso, porém os debates em torno do mesmo não chegaram ao fim.

Foram tantas as discussões em torno da LDB/96 que as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de Pedagogia só ficaram prontas dez anos mais tarde, com a Resolução CNE nº 1 de 15 de maio 2006 (Brasil 2006) estabelecendo um amplo campo para a Pedagogia que segundo Gatti:

“Ao curso de Pedagogia além de formação de professores para a educação Infantil e para os anos iniciais do Ensino Fundamental (...)

é atribuída a função de formar professores para o Ensino Médio na modalidade Normal, de educação Profissional na área de serviços e apoio escolar, para a Educação de Jovens e Adultos, e em outras áreas nas quais se preveja a necessidade de conhecimento pedagógicos, e, ainda a função de formar gestores” (GATTI, 2012).

Podemos notar até hoje que as dificuldades para estabelecer mudanças positivas por meio de Leis e decretos, para o curso de Pedagogia ainda não foram superadas, as políticas continuam precárias na preparação docente, pois um mesmo curso formar profissionais tão distintos, com múltiplas vocações é um tempo quanto complicado, criando margens para um curso fraco onde engloba tudo, mas não preconize nada.

“(…) é a precariedade das políticas formativas, cujas sucessivas mudanças não lograram estabelecer um padrão minimamente consistente de preparação docente para fazer face aos problemas enfrentados pela educação escolar em nosso país” (SAVIANI, 2009).

Capítulo 2:

Atuação do Pedagogo nas instituições não escolares

Estamos em constante processo de aprendizado tanto em sala de aula, como fora dela e não falo apenas num aprendizado letrado, mas sim, um aprendizado sociocultural baseado também nas relações interpessoais. Segundo Libâneo (2001) “há diferentes manifestações e modalidades da prática educativa, tais como a educação informal, não-formal e formal. ”. Essas manifestações se dão em todas as instituições como as escolares, familiares, religiosas, políticas, sociais, culturais, entre outras, ou seja, em qualquer situação há um processo de ensino-aprendizado.

“Proponho que os profissionais da educação formados pelo curso de Pedagogia venham a atuar em vários campos sociais da educação, decorrentes de novas necessidades e demandas sociais a serem regulados profissionalmente. Tais campos são: as escolas e os sistemas escolares; os movimentos sociais; as diversas mídias, incluindo o campo editorial; a áreas da saúde; as empresa; os sindicatos e outros que se fizerem necessários” (LIBÂNEO, 2001, p.14).

Na atualidade o Pedagogo é chamado para atuar em diversas áreas da nossa sociedade, nessas instituições em que a prática educativa também pode ser desenvolvida. A importância do Pedagogo se dá no desenvolvimento dessas práticas acolhendo toda a população e todas as classes sociais, promovendo e estimulando a formação humana.

No artigo 4º, Parágrafos II e III das Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Pedagogia, encontramos atribuições das atividades docentes para além da sala de aula:

“ART 4 - II - planejamento, execução, coordenação, acompanhamento e avaliação de projetos e experiências educativas não-escolares;

Art 4 - III - produção e difusão do conhecimento científico-tecnológico do campo educacional, em contextos escolares e não-escolares”

Além disso, o Pedagogo é chamado a desenvolver ações educativas que proporcionem a autonomia dos sujeitos, fazendo com que essa educação seja libertadora contribuindo nas diversas demandas da sociedade para um mundo mais justo e democrático.

Desta maneira veremos um pouco do trabalho do Pedagogo para além da sala de aula, uma oportunidade de trabalho que ultrapassa as fronteiras da escola, mostrando a Pedagogia por uma nova perspectiva.

2.1 A Pedagogia Hospitalar

A enfermidade dos educandos ou muitas vezes os imprevistos da vida, como os acidentes, obrigam as crianças em idade escolar a se ausentarem da escola por um período prolongado, trazendo prejuízos às atividades escolares. Por esse motivo há necessidade de além de atender o estado biológico e psicológico da criança, atender também suas necessidades pedagógicas. O pedagogo entra nesse contexto para desenvolver um trabalho educativo com as crianças internadas de forma a aliviar possíveis desmotivações, estresses e até mesmo a perda do ano letivo.

Apesar de ser um direito assegurado por lei, essa modalidade de atendimento educacional ainda é pouco conhecida pela maioria daqueles que frequentam e atuam na educação.

“A Classe Hospitalar se apresenta como uma oportunidade extra de resgate da criança para a escola. É através da Classe Hospitalar que a criança terá oportunidade de continuar sua vida escolar e não interromper seu aprendizado exercendo o seu direito à educação, previsto no Estatuto da Criança e do Adolescente” (ALICE, 2007).

Quando uma criança permanece um longo período internada ela fica longe de seus amigos, da escola, das brincadeiras, perde até mesmo interesse em aprender. O Pedagogo é o profissional que supri as faltas escolares e proporciona uma continuidade ao processo educacional do aluno, embora sempre respeitando a sua doença. Usando métodos lúdicos e uma prática educacional individualizada o pedagogo planeja atividades de forma alegre, querendo um bem para aquele aluno, num ambiente de aprendizado e afetividade. Segundo Paulo Freire, “é preciso descartar como falta a separação radical entre seriedade docente e afetividade”.

Além de atender as crianças doentes, a classe hospitalar estende-se às famílias,

principalmente aquelas que buscam recuperar a socialização da criança por meio da inclusão, dando continuidade a sua aprendizagem, deixando um pouco de lado a ideia de a criança estar doente e inclui-lá num processo de reeducação.

O Pedagogo ameniza o sofrimento da criança hospitalizada, proporcionando além de aprendizado, atividades de recreação, incentivando a criatividade das crianças. Cabe a ele adaptar a série do aluno a sua nova realidade, agindo de forma terapêutica, procurando resgatar um espaço sadio.

A partir da década de 1990 que no Brasil foram criadas leis específicas para a “Classe Hospitalar”, até então essa área dentro do hospital era regida pela Constituição Federal de 1988, apenas como base que a Educação é para todos.

A publicação do MEC de 2002 enfatiza que: “Tem direito ao atendimento escolar os alunos do ensino básico internados em hospital, em serviço ambulatorial de atenção integral à saúde ou em domicílio.”

A Lei dos Direitos das Crianças e Adolescentes Hospitalizados, através da Resolução nº 41 de 13/10/1995 entre outros quesitos assegura o “Direito de desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde, acompanhamento do currículo escolar durante sua permanência hospitalar”.

É importante demonstrar, principalmente para os pedagogos em formação, a abrangência da sua profissional, é possível uma prática pedagógica mesmo nos lugares onde a educação (formal) não é o foco específico, como em um hospital e que mesmo internadas as crianças podem continuar os estudos, um direito previsto por lei. Desfrutar de um atendimento educacional, que além de melhorar a autoestima proporciona uma melhor recuperação.

Durante minhas pesquisas conheci Joyce Guimarães, hoje com 32 anos. Ela é um exemplo de como o Pedagogo dentro do ambiente Hospitalar é importante. Quando Joyce tinha 14 anos, ela sofreu um acidente automobilístico e durante seis meses permaneceu internada em um Hospital Federal, localizado no Rio de Janeiro. Durante sua internação Joyce não obteve nenhum suporte educacional, o que fez a adolescente perder o ano letivo.

Como Joyce, milhões de crianças passam por este mesmo problema, aí que entra a importância da Pedagogia Hospitalar, que além de dar continuidade nos estudos às crianças hospitalizadas, entra como um suporte social e educacional para essas crianças que no

início do seu desenvolvimento humano já passam por um momento tão delicado de suas vidas.

2.2 A Pedagogia Empresarial

Vivemos hoje num mundo globalizado, cada vez mais competitivo, onde o mercado de trabalho procura por pessoas com grandes talentos e com as melhores qualificações. Com isso, muitas empresas procuram dar uma continuidade à qualificação de seus funcionários, bem como proporcionar uma melhoria do seu capital cultural, contribuindo para uma melhor qualidade tanto profissional quanto pessoal de seus colaboradores. E para isso usa a educação como uma importante ferramenta. É nesse contexto que entra o Pedagogo Empresarial.

“No contexto brasileiro, essa abertura nas empresas tem-se dado, em especial, pela necessidade de preparar, de forma contínua e permanente, toda a equipe de profissionais. Nessa lógica, o pedagogo empresarial tem o papel de colaborar, assessorar e apoiar o grupo de sujeitos que ali trabalham, objetivando potencializar aprendizagens, cujo foco consiste no aperfeiçoamento profissional” (FELDEN; LIMA; KRAMER; WEYH, 2013).

Nas Empresas, o Pedagogo trabalha na área do desenvolvimento de recursos humanos, conhecida como o setor de Recursos Humanos. Ele é responsável desde a seleção, implementação e coordenação de projetos para a formação de pessoal, promovendo uma melhoria no comportamento profissional dos seus colaboradores. Além de contribuir para a valorização dos saberes já adquiridos pelo funcionário e intervir para uma qualificação continuada, melhorando as práticas dos profissionais.

É importante que o Pedagogo conheça a empresa onde trabalha e desenvolva práticas pedagógicas voltadas para a empresa em questão, pois são os objetivos desta empresa que levará o profissional a direcionar seu trabalho juntamente com os demais funcionários, colaboradores e até mesmo clientes. Para isso os setores da empresa devem estar envolvidos com essas práticas pedagógicas, nenhum setor deve ser privilegiado e sim

todos devem estar interligados para uma ação eficaz do Pedagogo, proporcionando assim, um crescimento de toda a equipe.

Com esses treinamentos e educação continuada, o Pedagogo minimiza, de certa forma, os custos com a rotatividade de pessoal, pois mantendo uma equipe motivada, valorizando o desempenho de cada funcionário através de projetos de ensino-aprendizado, favorece o interesse do funcionário a continuar na empresa, além de estimular um constante aprendizado fazendo com que haja um aumento da produtividade e uma satisfação maior dos empregados e empregadores. Sendo o Pedagogo também um mediador entre ambos os lados.

Além disso, diante do capitalismo tão latente em nossa sociedade, onde humanos são comparados a máquinas, vale a pena ressaltar que o pedagogo contribui para uma formação mais humana dentro das empresas, capaz de emancipar o pensamento dos indivíduos. *“É o pedagogo que, através de conceitos libertadores, pode estimular o trabalhador ou o aluno a realizar sempre uma reflexão crítica acerca da realidade.”* (SILVA, 2007).

As atribuições do Pedagogo dentro de um ambiente empresarial possibilitam o crescimento da empresa bem como de toda sua equipe e isso pode ser feito através de práticas pedagógicas tão presentes no cotidiano de um profissional da Pedagogia.

2.3 O Trabalho do Pedagogo no Museu

“A pedagogia ocupa-se, de fato, dos processos educativos, métodos, maneiras de ensinar, bem mais globalizante. Ela é um campo de conhecimentos sobre a problemática educativa na sua totalidade e historicidade e, uma diretriz orientadora da ação educativa” (LIBÂNEO, 2001).

Durante minha formação, tive a oportunidade de participar de uma oficina no Museu Nacional de Belas Artes, localizado no centro do Rio de Janeiro e lá conheci um pouco do trabalho do Pedagogo dentro do Museu. Mais uma vez observei a importância do Pedagogo fora da Instituição escolar. Uma prática Pedagógica, que segundo Libâneo se torna bem mais globalizante.

O Pedagogo trabalha no Setor de Educação que funciona dentro do Museu de Belas Artes. Muitas pessoas não imaginam o que um Pedagogo poderia fazer dentro do museu, porém há diversas possibilidades de trabalho para a pedagogia. O setor é responsável por várias atividades, e é o Pedagogo o responsável por criá-las, executá-las ou supervisioná-las.

Há Visitas Mediadas, que são baseadas nos ensinamentos de Paulo Freire, onde devemos respeitar os saberes dos educandos (neste caso dos visitantes) adquiridos fora do ambiente escolar (museu). Nelas o Pedagogo respeita os saberes que os visitantes trazem de casa, portanto, há uma troca entre o público e o mediador. O mediador através de perguntas do nosso dia a dia, faz uma conexão entre a obra, a realidade da época em que foi pintada ou esculpida e a nossa realidade, trazendo a obra para perto de nossa realidade proporcionando um melhor entendimento fazendo uma ligação entre o ontem e o hoje.

Existe também um Material de apoio Pedagógico, que são jogos onde os visitantes têm a oportunidade de se familiarizar com as obras. Os participantes das oficinas conhecem de perto as obras e experimentam jogos como, jogo da memória, jogo dos autores, entre outros. É uma experiência rica, que aproxima a população das obras artísticas e contribui para a formação cultural, intelectual e pessoal tanto de crianças como de adultos.

Há Oficina para as famílias, onde pais e filhos são convidados a participarem juntos de jogos aproximando assim os componentes das famílias a interagirem juntos com as obras.

Oficina para Turismólogos (profissionais do Turismo); Oficina para equipe de recepção; Oficina para estudantes de diversos cursos como Letras, História, Pedagogia. Além dessas oficinas o setor de educação é responsável por outros projetos como: seminários, cursos, palestras além de participar da Restauração de peças.

Como vimos o Pedagogo é o profissional responsável por aproximar os visitantes das obras de arte, trazendo uma educação mais sensível para a população, demonstrando que a arte é para todos, objetivando o desenvolvimento integral da pessoa.

Capítulo 3:

O Pedagogo e sua formação

Já que o profissional da Pedagogia é apto para atuar em diversas áreas que envolvem a educação, então por que hoje as nossas universidades, basicamente se constituem um espaço para a formação de professores da Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental?

“Além de estar inserida em todas as atividades atribuídas à instituição escolar, os pedagogos também podem atuar como formadores, animadores, instrutores, organizadores, técnicos, consultores, orientadores que desenvolvem atividades pedagógicas (não escolares) em órgãos públicos e privados ligados a empresas, à cultura, aos serviços de saúde, alimentação, promoção social e etc.” (SILVA, 2007).

Em todas as relações humanas vemos atividades pedagógicas e o pedagogo é o profissional capaz de atuar em diversas áreas, não somente dentro de sala de aula.

3.1 – Professor ou Pedagogo

Libâneo em sua obra defende que o curso de Pedagogia deveria ser dividido em dois: A licenciatura e o Bacharelado. Com isso teríamos currículos distintos, o primeiro voltado para a docência e o segundo para a Pedagogia literalmente dita.

O que vemos hoje em nossas universidades são currículos inchados e com uma carga horária de 2.800 horas dedicadas a teoria é muito difícil formar bons professores e ao mesmo tempo bons especialistas. Ainda assim esse tempo é insuficiente, pois as disciplinas não contemplam todas as áreas de atuação do Pedagogo. Se essa atuação pode-se dar para além dos muros da escola, porque não ter a pedagogia hospitalar ou empresarial como uma disciplina obrigatória?

Nas diretrizes curriculares Nacionais para o curso de Pedagogia, podemos ver as atribuições do pedagogo que ultrapassam os espaços escolares e que além de crianças, o

profissional também estará apto para trabalhar com diversas faixas etárias:

Art 5º IV - trabalhar, em espaços escolares e não-escolares, na promoção da aprendizagem de sujeitos em diferentes fases do desenvolvimento humano, em diversos níveis e modalidades do processo educativo;

Art 5º XI - desenvolver trabalho em equipe, estabelecendo diálogo entre a área educacional e as demais áreas do conhecimento;

Art 5º XIII - participar da gestão das instituições planejando, executando, acompanhando e avaliando projetos e programas educacionais, em ambientes escolares e não-escolares;

Além da formação de especialistas para trabalharem fora do ambiente escolar, também deveríamos pensar na coordenação e gestão educacional, tão importante para um bom funcionamento da escola. Uma boa assistência pedagógica aos alunos e também aos professores gera uma transformação, um ambiente mais acolhedor e fundamental para um bom desenvolvimento do trabalho. O que tenho de experiência hoje é que muitas vezes a coordenação de uma instituição escolar é entregue a não Pedagogos, que sequer tiveram uma formação superior voltada para a educação, presenciei isso em meu estágio de Educação de Jovens e Adultos. Essa situação só prejudica a educação de nosso País. Um debate que está longe de chegar ao fim.

3.2 – Pedagogia à Distância

Dados do INEP 2010 apontam que 45,8% das matrículas na modalidade à distância são nos cursos de Licenciatura e grande parte deste percentual cursa a Pedagogia.

Quando falamos em Pedagogia à distância nos deparamos com duas situações adversas: de um lado estudantes que nunca pensaram em cursar uma universidade, principalmente moradores de regiões mais afastadas das cidades, tendo a oportunidade de concluírem uma faculdade, através da EAD. E de outro lado pensamos na vivência desses estudantes. Como fica o desenvolvimento social e até mesmo cultural dos mesmos sem uma experiência acadêmica? O que poderão transmitir a seus alunos?

“Esses professores trabalharão com crianças em tenra idade e com a alfabetização, trabalho que exige uma formação delicada, um aprendizado de relações pessoais, pedagógicas, didáticas, motivacionais e de formas de linguagem e comunicação específicas. A modalidade a distância não favorece esse tipo de formação” (GATTI, 2012, p. 145).

É preciso uma atenção maior para o curso de formação de professores, principalmente na modalidade à distância, onde a troca de experiências e o olhar sensível ficam muito prejudicados. Quando esses profissionais forem atuar dentro ou fora da sala de aula, estarão lidando com comportamentos sociais diferentes, terão que lidar cara a cara com situações adversas. De algum modo poderão ficar inseguros por não terem experiência em frequentar ativamente a comunidade acadêmica.

As Universidades deveriam trazer mais esses alunos para dentro da comunidade acadêmica, não somente para realizarem as provas, mas sim para realizarem trocas de experiências tão importantes para os cursos de licenciatura. Os projetos seriam uma ótima forma de aproximar esses alunos com a Universidade. No próximo capítulo veremos como um projeto de extensão envolvendo alunos do EAD.

Capítulo 4:

A Dimensão Estética na formação do Professor

Outro ponto que quero destacar na formação de Pedagogos que é deixada um pouco lado em muitas de nossas universidades é a Educação envolvida com a arte, com o corpo. Poucas são as disciplinas voltadas para uma educação mais sensível tendo a arte como o principal alicerce. No próximo capítulo veremos um projeto, que participei na UNIRIO, no ano de 2016 voltado para essa formação, demonstrando como a arte tem o poder transformador principalmente na formação de professores.

(...) É preciso criar em nossos educadores o gosto pelo belo, pela arte, estimulando-os a freqüentar museus, galerias de arte, centro culturais, espetáculos de musica e dança. Dessa maneira, estaremos contribuindo para a democratização do conhecimento e para a formação pessoal do educador que conseqüentemente, repercutirá na relação estabelecidas por ele com seus alunos e na qualidade do trabalho pedagógico por ele desenvolvido” (DIAS, 1999, p. 47).

Ser um profissional da área da educação requer um constante aprendizado, um poder criativo, incentivador, um olhar que enxergue além, que veja o belo nas coisas simples, nas relações interpessoais e que a cada dia consiga se reinventar. E nada melhor do que a arte usada como um instrumento para auxiliar esse profissional.

Para os pedagogos que ainda estão em formação, dentro de nossas universidades com a graduação presencial e até mesmo os que estão um pouco distantes delas, por meio da graduação à distancia, um olhar mais sensível para a educação se torna primordial e indissolúvel principalmente no momento em que encontramos nossa nação, com tantas discussões incertas e pluralidade de pensamentos. *“Contribuir para a formação da sensibilidade dos educadores, é reconciliá-los com a própria expressão, resgatar-lhes a palavra, o gesto, o traço, as idéias, a autoria (...) proporcionando a ampliação de possibilidades e não apenas a qualificação de mão de obra.” (Dias, 1999)*

Durante um ano tive a oportunidade de participar, como bolsista de extensão de um projeto dentro da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro que privilegiassem esse olhar mais sensível para o mundo. A educação Estética, tendo a arte como seu alicerce

e aliada à formação docente.

4.1 – O Projeto

Intitulado como “Corpo, Arte e Movimento: investigando metodologia de formação de professores”, o projeto de pesquisa e extensão coordenado pela professora Adrienne Ogêda, foi criado em 2014 em encontros sistemáticos com professoras da rede municipal do Rio de Janeiro, que haviam participado no ano anterior de um curso oferecido pela UNIRIO em convenio com o ministério da educação (MEC), tendo como objetivo ampliar o repertório artísticos-estéticos, destas professoras, utilizando a arte como principal ferramenta. Através de troca de experiências vivenciadas dentro de sala de aula e ate mesmo no cotidiano de cada participante, o projeto em seu inicio teve como principal objetivo criar um diálogo entre a arte e a educação, começando a prestar uma atenção maior ao mediador do conhecimento: o professor em sua formação. Ser afetado para afetar, sentir para que os outros sintam desconstruir tabus para poder transformar.

Com o objetivo de presenciar as transformações, que uma educação mais sensível pode proporcionar aos estudantes e também professoras já formadas, hoje o projeto abrange estudantes da graduação presencial, como foi o meu caso, discentes da graduação à distancia e pesquisadores voluntários interessados no tema da Educação Estética e a formação docente.

Em 2016, ano de minha participação o projeto contava na dimensão da extensão com três frentes de trabalho. A primeira nas aulas de corpo e movimento, disciplina obrigatória do curso de graduação em Pedagogia na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, ministradas pela coordenadora do projeto a professora Adrienne Ogêda. A segunda nos cursos de Corpo e Movimento oferecidos em alguns Polos de Educação a Distancia em Pedagogia pelo convênio CEDERJ-UNIRIO. Neste ano fomos aos Polos de Barra do Piraí, Saquarema e Volta Redonda. Uma experiência rica e profunda na minha formação, que veremos logo a seguir. A terceira frente envolve um conjunto de encontros de formação para discentes da especialização em educação, onde a temática esta ligadas com a ecologia, natureza, arte, educação infantil, dentre outras.

4.2 - A Educação estética

“O sentir é anterior ao pensar, e compreende aspectos perceptivos (internos e externos) e aspectos emocionais. Por isso pode-se afirmar, que antes de ser razão, o homem é emoção. O conhecimento do mundo advém, desta forma, de um processo onde o sentir e simbolizar se articulam e se completam” (DUARTE, 2000, p. 38).

Em sua obra Duarte Junior nos apresenta que uma das características principais dos conhecimentos adquiridos hoje é livre da interferência dos sentidos e sentimentos. E essa característica no nosso cotidiano é visível, não prestamos atenção nos pequenos acontecimentos do nosso dia a dia. Saímos de casa pela manhã e não nos damos conta que mais uma flor nasceu no jardim, comemos apressados sem sentir o paladar dos alimentos, somos controlados por relógios, padrões e uma sociedade imediatista. Fazemos tudo no automático e não nos damos conta de como nosso corpo está, ficando ele sempre em segundo plano. E isso acaba refletindo também na educação, o corpo se torna estático, o ouvido e o cérebro são os únicos órgãos que precisam estar presentes dentro da sala de aula, um espaço que muitas vezes visa somente a formação do homem máquina. E quando existe alguma experiência corporal neste ambiente educacional, ela é usada para o mercado de trabalho como nos conta Farina (2010) “[...] vemos a economia de mercado apropriar-se dele e refundá-lo como corpo de consumo de sua própria experiência, que consome sua própria imagem como experiência [...]”.

Reverter esse quadro segundo Duarte Junior seria possível através de uma educação mais sensível voltada para o belo. Com isso cria-se uma amplitude dos conhecimentos onde os sentidos e sentimentos são levados em conta, onde a razão torna-se mais ampla e o homem compreende de forma mais abrangente seu envolvimento com o mundo.

Utilizar sentidos e experiências corporais na nossa sociedade em que o conhecimento científico e tecnológico se torna mais vigente do que um conhecimento mais sensível é “nadar contra a maré”, é almejar um corpo presente e ativo, é criar um saber na sua totalidade elevando a criatividade que segundo Dias (1999) é “criar uma resistência a uma estereotipia coletiva a que estamos submetidos a todo o momento”. É essa estereotipia

que a educação estética visa a desconstruir.

A estética é a ciência da percepção e as experiências estéticas são capazes de promover a transformação dos sujeitos por permitirem a reconciliação com sua própria essência, tornando conscientes elementos que constituem o ser como pensamentos, emoções, sentimentos e vivências. É capaz de fazer com que o ser humano se envolva totalmente com o mundo antes de qualquer regra e que perceba em si, no outro e no seu cotidiano o olhar sensível, que segundo Dias (1999) é aquele olhar curioso, descobridor, olhar de quem quer ver além, desvendar, buscar o belo, o que nos comove e olhar sensivelmente requer o exercício do olhar aberto a perceber, esmiuçar, desvendar, buscar o belo.

Através da experiência estética que segundo Haddad (2000) tornamos conscientes elementos que constituem o ser como pensamentos, emoções, sentimentos e vivências e através disso tem se aberto uma possibilidade de reflexões e autoconhecimento que compreende, problematiza a realidade e a transforma. Um ser transformado no processo de formação docente por essas vivências permite uma prática que contemple a inteireza dos sujeitos.

4.3 – Atividades no Polos EAD

Apesar de o projeto ter três frentes de estudo, neste trabalho vou me deter nas atividades realizadas nos Polos de educação à distancia do curso de Pedagogia pelo convênio CEDERJ-UNIRIO realizadas em Barra do Piraí (com 20 participantes, todas do sexo feminino) e Saquarema (25 participantes com ambos os sexos), as duas cidades ficam no interior do Rio de Janeiro,

As atividades foram pensadas para estudantes da educação a distancia, que muitas vezes só vão aos Polos para fazerem provas ou entregarem trabalhos. Sua convivência como estudante em uma universidade, fazendo amizades e trocando experiências é muito prejudicada. Muitas vezes, não conhecem os alunos da sua própria turma. E apesar de existirem alguns encontros presenciais, como eles estão sendo realizados? Há troca de experiências? Então, nosso objetivo era apresentar-lhes uma educação mais sensível, de

integração do corpo e mente, onde o acolhimento, a afetividade, a construção, o resgate da capacidade de criação dos sujeitos em formação eram nosso principal objetivo.

Com um ambiente aconchegante, onde uma musica tocava ao fundo da sala, um cheirinho de canela pairava no ar e imagens e poemas dispostas no chão é que recebíamos os participantes das oficinas e começaríamos o nosso dia sensível. O reconhecimento daquele espaço era convidativo, cada estudante deveria escolher uma imagem ou poema que mais lhe agradece ou remetesse algum pensamento. À principio tímidos e curiosos, os participantes aos poucos iam se acomodando e quem se sentisse mais a vontade poderia dividir com os demais, o que aquele objeto significava ou lembrava na sua vida. Um momento oportuno para sair da rotina, se expressar, poder desabafar, ouvir e ser ouvidos. No Polo Saquarema as imagens levaram a muitos estudantes a lembrarem da conquista que foi entrar numa Universidade Federal, um sonho para muitos.

O segundo momento era dedicado a exploração dos movimentos, aquecendo e alongando o corpo. Aos poucos todos iam se soltando alongando e dançando numa energia única. Cada um prestando atenção onde seu corpo doía, ate onde podia alongar. Nos dois Polos tínhamos diferentes faixas etárias e todos conseguiam realizar os exercícios propostos, mostrando que é possível se mover em todas as idades.

Logo após tínhamos o despertar para a criação: cada um recebia em suas costas um nome de um personagem e interagindo com os demais deveriam fazer perguntas até acertar quem era o personagem escrito em suas costas, porém as respostas eram feitas com “sim” ou “Não”. Um momento de descontração e muitas risadas.

Com os personagens descobertos, deveriam em grupos criar uma pequena cena com inicio, meio e fim que integrassem os diversos contos e personalidades de diferentes épocas e estilos. Em Barra do Piraí, a expressividade corporal, vocal e emocional foi o ponto alto das cenas, juntamente com muitas risadas. Já em Saquarema, o empoderamento, o respeito, a diversidade, a realidade do nosso cotidiano foram temas abordados. A importância de se improvisar, se reinventar, lidar com o diferente diante de tantas informações que recebemos diariamente, é primordial neste exercício teatral, onde a educação e o teatro estão interligados para promover um olhar mais sensível diante do mundo.

O ultimo momento das oficinas era dedicado para troca de experiências vividas naquele dia. Os relatos sempre emocionados e satisfeitos nos mostram a importância da arte

na educação. Em Barra do Piraí, a maioria, mencionava a surpresa que foi o encontro, esperavam uma palestra, todos sentados e ouvindo sobre como deveriam movimentar seus corpos, além disso, a palavra liberdade definiu a manhã para muitas. Já em Saquarema, os relatos traziam emoções, amor, alegria, entrega valorização do presente. O teatro afetou uma senhora, de 69 anos, que admira, mas nunca teve a oportunidade de assistir uma peça: “E hoje eu realizei um sonho, porque eu nunca fui ao teatro, nunca. Eu sempre falava: ‘Eu gostaria tanto de ir ao teatro’ e nunca fui. Mas hoje o teatro chegou até a mim (risos). E eu coloquei aqui não só o teatro chegou como um toque de mágica, mas pude participar e assistir vocês, foi maravilhoso. Muito obrigada!”.

É inegável como a arte pode transformar cada indivíduo. A formação humana precisa desse contato, do acolhimento, da educação do sensível. Na formação docente são indispensáveis essas experiências, o professor deve estar atento ao outro, ser afetado para afetar, conhecer a si para conhecer o outro. A seguir veremos algumas transcrições de depoimentos das alunas sobre a proposta do projeto nos polos de educação à distância:

“Eu achei legal também a questão da simplicidade. O que fizemos hoje foi uma coisa simples, mas que muitas vezes passa despercebida. A gente tá tão cansada em fazer tudo que acaba esquecendo-se de fazer o principal, um exercício, uma conversa, uma brincadeira, um momento qualquer para se relacionar com o outro de uma forma melhor, uma troca de energia e a gente acaba perdendo esses momentos com a correria, com tecnologia, por n fatores a gente deixa de fazer as coisas simples”.

“A expectativa que eu tinha era de uma palestra, todas sentadas e o que eu recebi aqui foi o aconchego, o carinho como foi recebida e a liberdade de você poder interagir sem ser cobrado por isso. A possibilidade de me encontrar e encontrar sonhos adormecidos”.

“No nosso dia a dia a gente fica tão focado em ter que trabalhar, nos alunos, que perdemos a liberdade de ser quem a gente é, de poder dançar, se esticar”.

“Nós que fazemos educação à distância, precisamos disso, ter um contato. Foi um dia gostoso, nós conhecemos bastante gente. E a representação, sem querer, fez com que fizéssemos uma coisa que vamos fazer dentro da sala de aula, bom que você junta pessoas diferentes, crianças diferente, que cada um sai da sua casa com um problema diferente, daí você chega na escola e você junta tudo isso para alcançar um objetivo”.

“Eu também gostei. A gente vive numa verdadeira correria todos os dias e mesmo

que a gente fique com criança o tempo todo, a gente não para pra se olhar, sentir o corpo. Eu sou uma pessoa que quase não tenho tempo para mim e o momento de hoje foi um momento de relaxamento, onde eu pude me sentir, ver até onde eu posso alcançar com meu corpo. Foi um momento de equilíbrio. Senti calma, tranqüilidade, muito gostoso. A gente precisa ter momentos para viver isso também, não é só com as crianças, lógico que é importante e vou incluir isso na minha turma, vai ser um momento de encontro para eles onde poderão se encontrar, se sentir sem serem cobrados, o legal é isso: se sentir sem ter a cobrança. ”

“Eu gostei muito, a arte, a expressividade, para as pessoas que estão na prática, trazer para dentro da nossa pedagogia, nosso aprendizado, nossa forma de pensar e fazer dentro da educação. Esse momento aqui não deixa de ser uma prática e pra mim que não sou professora, não fico na sala de aula, eu penso que é de uma importância imensa fazer esse tipo de atividade dentro de sala de aula, esse tipo de expressividade corporal, então pra mim isso aqui é uma aula, um aprendizado. Bastante produtivo”.

4.5 – Contribuições para a formação docente

Através deste projeto pude vivenciar experiências de mudanças através da arte, nos outros e em mim mesmo como formanda em Pedagogia. A troca de experiências para além do muro da universidade foi riquíssima e abrangente, onde novas possibilidades de trocas pedagógicas foram apresentadas. Um olhar sensível foi apurado e uma nova mentalidade sobre o mundo e sobre a educação surgiu em mim e tenho certeza que em todas as participantes e voluntárias do projeto. Um desabrochar de sentimentos através de exercícios corporais, um aumento da criatividade, uma atenção maior de si e do mundo.

E como isso afeta a educação? Afeta em tudo, pois através dela podemos criar mentes pensantes na sua inteireza, capazes de transformar a realidade ao seu redor, que segundo Dias é essa sensibilização que devemos ter dentro dos espaços escolares que contribui para esse tão almejado sonho de construir um mundo melhor.

“A sensibilização estética precisa estar presente na escola para que esta possa ser um espaço de vida, expressão, criação, formação de sujeitos sensíveis, capazes de reinterpretar, transformar, reconstruir a realidade a seu redor” (DIAS, 1999, p. 254).

Com essas experiências estéticas a percepção do mundo através da subjetividade é ampliada e transborda do mediador para o mediado. A ampliação do repertório artístico na formação docente é afetada, pois a arte permite a expressão que segundo Duarte Junior é o desvelamento dos sentimentos, não passíveis de significação conceitual, estimulando com isso a criatividade e o autoconhecimento.

A importância dos repertórios artístico-culturais dos professores é vista em TRIERWEILLER de modo que a ampliação desses repertórios repercutirá para além da sala de aula:

“A formação dos professores da infância como qualquer outra modalidade de ensino, além de dever se pautar na inteireza e na continuidade, deve considerar o professor-pessoa em sua inteireza, já que sua identidade profissional está imbricada na pessoal. São partes da mesma coisa. São partes do ser-professor-pessoa que carrega consigo para qualquer lugar que vá suas crenças, seus valores e suas projeções. Logo, é imperativo considerar essas questões, nos espaços formativos, como partes a serem dialogadas” (TRIERWEILLER, 2014, p. 14).

Ainda na obra de Trierweiller observamos que a educação estética não é apenas um recurso utilizado como forma de distração, não é um acessório dentro da escola ela é uma ciência capaz de contribuir para a formação mais humana.

“Com isso, fazer das experiências sensíveis uma contribuição para a formação humana e não uma forma de conhecimento utilitarista que considera estas atividades apenas como forma lúdica, acessória, um mero recurso pedagógico, pois uma vivência estética não deve estar a serviço de algo que não seja ela própria. (TRIERWEILLER, 2014, p. 27).

Além disso, as tribulações no cotidiano escolar muitas vezes fazem com que o professor se desligue do seu lado artístico, poético e como ampliar repertório artístico-culturas das crianças sendo o professor, que caberá mediar esse processo, ter seu repertório artístico limitado? Como podemos ver em Dias (1999) “*Ao construir um projeto de formação estética e artística destinado a criança, é preciso pensar na sensibilização do*

educador que com elas convive e a quem caberá a responsabilidade de mediar tal processo de formação. ”. Aí vemos a importância de construção de oficinas também para os professores.

Portanto, a educação estética dentro de nossas escolas se demonstra de suma importância tanto para os seres humanos em desenvolvimento, que são as nossas crianças, como também para os professores que são os mediadores deste processo. Uma construção de um mundo melhor se dá com a construção de seres humanos mais integrados com mente e corpo.

Considerações Finais

Como vimos nos capítulos anteriores, o curso de Pedagogia sofreu grandes transformações desde a sua criação até os dias atuais, mas apesar de todas as intenções de renovação, o que vemos ainda hoje em nossas universidades é algo mais voltado para o antigo “esquema 3+1” do que as propostas contidas nos documentos pós-LDB (GATTI, 2012).

Como futura Pedagoga, senti falta dentro do currículo do curso, matérias que contemplassem o trabalho do Pedagogo além da sala de aula, o trabalho da pedagogia para a sociedade como um todo. Além disso, a arte sendo valorizada e contribuindo para a formação dos futuros profissionais fica quase esquecida. O que mais verifiquei foram matérias voltadas para a atuação dentro da escola, esquecendo que o mundo de hoje solicita uma participação maior da Pedagogia em instituições que existam práticas Pedagógicas.

A educação com um olhar mais amplo dentro de nossa sociedade. “O que se verifica, portanto, na prática, são projetos pedagógicos pouco operantes, com currículos fragmentados, quando não um tanto incongruente, em que predomina a formação de caráter excessivamente genérico” (GATTI, 2012, p. 58).

O que podemos perceber hoje é que, os discursos de nossos políticos sobre a educação são excelentes, mostrando que ela será a principal meta a ser alcançada nos planos de seus governos, porém o que vemos na prática é a regra para economizar custos. Frequentei quatro anos uma Universidade Federal e pude perceber o quão necessitando de reformas ela estava, sem falar dos incentivos a bolsas e projetos que são precários, todo período não sabíamos se projetos iriam continuar. Portanto, como melhorar a educação se a base para uma boa formação é comprometida por falta de verbas? E mesmo se surgirem projetos que deem um novo rumo a Pedagogia, como exercerem sem uma boa estrutura para a formação desses profissionais?

Outro ponto importante que quero destacar é a desvalorização do curso por meio da sociedade em que vivemos. A falta de estímulos dos estudantes a escolherem o curso é

grande, e como já vimos o preconceito se torna latente, até mesmo dentro de instituições escolares, como foi o caso da diretora adjunto que mencionei no início do trabalho. A precariedade das condições de trabalho como os baixos salários e a carga horária excessiva, pode ser um fator predominante para desinteresse ao curso. Além disso, é frequente assistirmos nas mídias de comunicação professores que foram agredidos por seus alunos, levando um descontentamento pela profissão. A falta de informação e o campo ainda reduzido para o trabalho do pedagogo em instituições não escolares também contribui para o esvaziamento e a desvalorização da profissão.

Para concluir não consigo imaginar uma sociedade mais justa e solidaria, sem a contribuição da Pedagogia. Só com uma educação de qualidade poderemos mudar uma nação. Segundo Saviani (2009) a educação é o ponto principal para atacar os problemas que mais ferem nossa sociedade como a saúde, a segurança, a pobreza, a desigualdade, etc.

A educação como uma principal ferramenta para a construção de um mundo melhor, aliada a arte para a uma verdadeira transformação social. Só com a educação de qualidade poderemos construir seres conscientes, dispostos a lutar por seus ideais, que saibam discernir o melhor para si e para o mundo.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações.** / Secretaria de Educação Especial. – Brasília: MEC; SEESP, 2002. 35p. Disponível em <<http://www.dominiopublico.gov.br>> Acesso em: 03 de março de 2017.

_____ Resolução CNE/CP nº 1 de 15 de maio de 2006. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para Cursos de Graduação em Pedagogia Licenciatura. **Diário Oficial da União**, Brasília/DF, 16 maio 2006

_____ **Direitos da criança e do adolescente hospitalizado.** Diário Oficial, 17 outubro de 1995. Seção 1, PP. 319-320

_____ Lei nº 9.424/96. Institui e regulamenta o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério na forma prevista no art. 60, § 7º, do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 26 dez. 1996, Seção 1, p. 28442, 1996.

_____ Parecer CNE/CP nº 5/2005, aprovado em 13 de dezembro de 2005- **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia.** Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pcp05_05.pdf, acesso em 23/05/2017.

BISCARO, **Deise Borba. Pedagogia Hospitalar e suas bases legais.** Disponível em <<http://educação.salvador.ba.gov.br>> Acesso em: 06 de junho de 2015.

DIAS, S. K. Formação estética: **Em busca do olhar sensível.** In____. A Infância e a Educação Infantil. Campinas: Papirus, 1999, p. 175-201.

DUARTE JR, J.F. **O Sentido dos Sentidos.** Campinas: Criar Edições, 2000.

ESTEVEES, Cláudia R. **Pedagogia Hospitalar: um breve histórico.** Disponível em <<http://www.santamarina.g12.br>> Acesso em: 1 de abril de 2017

FARINA, Cyntia. Formação estética e estética da formação. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/1815>, acesso em 13/09/16

FELDEN, Eliane de Loudes; LIMA, Geruza; Kramer, Graciele Denise; WEYH, Laís Francine. **O Pedagogo no Contexto Contemporâneo: Desafios E Responsabilidades.** Revista Eletrônica de Extensão da URI, Vol 9, N.17: p. 68-82, outubro 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática Educativa.** 45ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FURLAN, Cacilda Mendes Andrade. **História do curso de Pedagogia no Brasil: 1939-2005.** Universidade Estadual de Londrina, Londrina. 2013.

GATTI, Bernardete A. **O curso de Licenciatura em Pedagogia: dilemas e convergências.** EntreVer, Florianópolis, v.2, n3, p.151-169, jul/dez. 2012.

HADDAD, L.; ARAGÃO, A.M.F. **A formação do professor e suas narrativas: Desafios da docência.** Disponível em: <http://itp.ifsp.edu.br/ojs/index.php/HIP/article/view/165>, acesso em 14/09/16.

INEP 2010, disponível em http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2010/divulgacao_censo_2010.pdf, acesso em 20 de novembro de 2017.

LIBÂNEO, José Carlos Paulo. **Pedagogia e Pedagogos, para Quê?** 4ª Ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Pontos Críticos dos atuais cursos de Pedagogia.** Revista Presença Pedagógica. V.11. nº 65: p. 52-63, Set/Out. 2005.

RAMOS, Maria Alice de Mora. **A história da Classe Hospitalar Jesus**. Rio de Janeiro, 2007.

SAVIANI, Dermeval. **Formação de professores: Aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro**. Revista Brasileira de Educação. V.14, N 40: p.143-155, Jan/Abr. 2009.

_____. **A nova lei da educação (LDB): trajetória, limites e perspectivas**. 11ed. Campinas: Autores associados, 2008.

SILVA, Laura Andréa de Souza Prado e. **O Pedagogo em espaços não Escolares**. In: XI Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e VII Encontro Latino Americano de Pós- Graduação – Universidade do Vale do Paraíba. Universidade Camilo Castelo Branco. São Paulo, SP, 2007.

SILVA, Natasha Hermida Pereira Castro da. **Pedagogia Empresarial: Uma nova Perspectiva de Trabalho**. São Gonçalo, 2009. Disponível em <<http://www.ffp.uerj.br/arquivos/dedu/monografias/NHPCS.2009.pdf>> , acesso em 03 de abril de 2017.

SILVA, Naação Luiz. **Pedagogia Empresarial: Valorizando Saberes, Qualificando Práticas**, Formando Referências, 2012. Disponível em : <<http://monografias.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/pedagogia-empresarial-valorizando-saberes-qualificando-praticas.htm>>. Acesso em: 05 de abril de 2017.

TRIERWEILLER, P.C. **Repertórios artísticos-culturais de professores da educação infantil: discursos e sentidos estéticos**. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/revistaich/article/view/11000/8796>, acesso em 13/09/2016

Anexo A:

Fotos do projeto Corpo, Arte e Movimento investigando metodologia de formação de professores.

Ano: 2016, Local: Saquarema e Barra do Piraí,

Público Alvo: estudantes de Pedagogia da fundação CEDERJ.



